

LUDMILA DA SILVA CATELA

ESCRACHAR

JUVENTUDE E POLÍTICA NAS AÇÕES DOS FILHOS DE DESAPARECIDOS.

XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum
de Pesquisa 27: "Juventude, Unidade e
Diversidade".

BRASÍLIA

Julho de 2000

Escrachar . Lançar algo com força, surrar, dar muitos açoites ou golpes. Expectorar.

Escrache. Fotografia de uma pessoa, principalmente seu rosto, dito em geral depreciativamente. Pessoa feia e desagradável.

(Novo dicionário de Lunfardo)

Em anos recentes, *escrachar* deixou de ser uma velha palavra do jargão popular argentino e voltou à cena a partir da sua utilização em ações políticas, nas quais se expõe publicamente aos repressores da última ditadura militar argentina (1976-1983). Estes atos, denominados *escraches*, são organizados e comandados pelos filhos de desaparecidos. Em pouco tempo, o conceito ganhou o status de palavra da moda e demonstrou ser eficaz e econômica para qualquer ação que tenha como objetivo "por em evidência" a pessoas que por diversos motivos devem ser expostas à vergonha social.

A partir de Elias (1989:100), podemos interpretar que a consideração de seu sentido "nos faz entender para que se utiliza o conceito e em que sentido este se faz, posto que terá que conter pistas dos processos e transformações sociais que o elevaram à categoria de palavra da moda". O velho conceito nascido no contexto da gíria utilizada pelos imigrantes italianos na Argentina, aparece hoje junto a novos atores sociais, os filhos de desaparecidos, jovens interessados em reivindicar seus pais e em condenar seus assassinos. Estes atores consideram o *escrache* como uma forma de justiça e uma maneira de expressar sua oposição à racionalização burocrática dos advogados e às normas conciliatórias administradas pelo Estado. Para "os filhos", justiça é uma "manifestação de amor".

O objetivo central deste trabalho é mostrar como se associam a política e a juventude a partir de atos de justiça nomeados como *escraches*. Como a cultura juvenil é objetivada em novas formas de denúncia e ações coletivas que, desde o fim da última ditadura militar Argentina vêm sendo criadas para lembrar, denunciar e reivindicar a memória dos 30.000 desaparecidos políticos.

H.I.J.O.S DE DESAPARECIDOS

Na Argentina, aproximadamente 200 bebês nasceram em cativeiros, tendo sido apropriados por militares ou amigos destes. Os bebês eram retirados dos Centros

*Este trabalho faz parte da minha tese de doutorado; "Não haverá flores no túmulo do passado. Experiências de reconstrução do mundo dos familiares de desaparecidos políticos". IFCS/UFRRJ. 1999.

Clandestinos de Detenção (CCD)¹ e eram adotados ou diretamente registrados como filhos próprios. As Avós de Praça de Maio têm realizado um trabalho exaustivo de investigação e denúncia, a fim de encontrar seus netos. Atualmente, mais de 60 crianças, nascidas em cativeiro, já foram restituídas a seus lares. Infelizmente, a maioria dos *apropriadores*² cumprem penas irrisórias ou não cumprem pena nenhuma quando são descobertos. Esses filhos (de) desaparecidos são a mais cruel demonstração do modo de agir das Forças Armadas argentinas durante o período em que permaneceram no poder.

A apropriação fez com que eles não perderam apenas seus pais, mas também a sua identidade, seus referenciais, seus laços fundamentais. Outros filhos de desaparecidos permaneceram nas redes familiares, passaram a ser filhos de seus avôs, irmãos de seus primos ou simplesmente filhos da família. Assim a categoria filhos de desaparecidos inclui muitas variantes, que podem oscilar entre aqueles que foram *apropriados* e aqueles que permaneceram nas redes familiares. Mas todos eles compartilham o drama de ter os pais desaparecidos.

Família. Mães, avós, filhos. As metáforas de sangue são usadas, atualizadas e resignificadas sempre que necessário, quando é preciso fazer-se ouvir, narrar o horror, expressar para um público fatos tão inexplicáveis como os 30.000 desaparecidos da última ditadura militar argentina. Mães, pais, avós, parentes de uma forma geral foram os primeiros a denunciar, dar a conhecer, internacionalizar o problema dos desaparecidos na Argentina. Ao longo destes anos, durante e depois da ditadura militar, foram muitas as estratégias utilizadas para denunciar - recordar - não esquecer a situação limite que significa ter um parente desaparecido.

A mais de vinte anos do golpe, conjugaram-se uma série de fatores (confissões de torturadores, homenagens a desaparecidos, indenizações) e uma nova crise – entendida como um espaço performativo que possibilita a comunicação e a manifestação dos sofrimentos e das emoções guardados durante anos nas redes familiares e de amigos- tornou a instalar-se na Argentina.

Os filhos de desaparecidos são jovens argentinos que durante a última ditadura militar foram violentamente separados de seus pais. Alguns presenciaram

¹Durante a ditadura militar funcionaram 365 Centros Clandestinos de Detenção. A esses locais as pessoas seqüestradas eram levadas para serem interrogadas, torturadas e, em sua maioria desaparecidas. Apenas por um CCD, que funcionava nas dependências da Escola de mecânica da Armada (ESMA) passaram mais de 4.000 detidos, a maioria dos quais está ainda desaparecida.

² *Apropriados* é a palavra utilizada para enunciar o roubo de crianças nascidas em cativeiro ou seqüestradas junto com seus pais. *Apropriador* é o nome que se dá aos militares ou civis que subtraíram a criança. Esta palavra, forte e com referência imediata ao regime militar, está construída para distinguir uma adoção legal de uma adoção ilegal, como foi a maioria dos casos registrados.

arrombamentos clandestinos e viram como seus pais eram levados. A maioria não conseguiu nunca tornar a vê-los, nem mesmo saber o que lhes havia ocorrido, nem recuperar seus corpos, enterrá-los, praticar o luto.

São também filhos de desaparecidos os que acreditaram durante muito tempo que seus pais estavam viajando por terras estranhas, ou que estavam trabalhando longe e um dia retornariam. Quando crianças, esses filhos foram à escola e ali inventaram histórias para sentir-se iguais a seus colegas. Contavam que seus pais estavam longe, ou que tinham morrido em um acidente ou simplesmente nada contavam. Na escola, encontraram-se também, quase ao acaso, com outros colegas iguais a eles, com os quais, de forma meio mágica, confessaram-se que eram diferentes, que seus pais estavam desaparecidos, sem saber ao certo o significado de tal palavra.

Quase todos tinham e construíam fantasias, pensavam que talvez um dia tocasse a campainha e eles abririam a porta a seu pai ou a sua mãe. Que se fossem sempre pelo mesmo lado da calçada, um dia esbarrariam com eles; que se subissem em todos os ônibus, encontrariam em algum a sua mãe. Outros pediam a suas avós e tias que os criavam que mostrassem a foto de seus pais a todo mundo, na esperança de que alguém os conhecesse ou os tivesse visto.

Reconhecer-se no outro. Foi essa a experiência de muitos filhos que começaram a recordar coletivamente a seus pais nos espaços onde se homenageava aos desaparecidos e mortos. Assim, a medida que os atos pelos desaparecidos se multiplicavam a partir de 1994,³ os filhos começavam a ganhar visibilidade: em cada comemoração tornavam pública a sua história, davam depoimentos, eram entrevistados, suas palavras começaram a ser ouvidas em outras redes além das familiares. Em outubro de 1995 reuniram-se mais de 300 filhos de várias províncias do país em um acampamento na cidade de Córdoba. Ali nasceu o nome H.I.J.O.S (*Hijos por la Identidad, la Justicia, contra el Olvido y el Silencio*) e o projeto de organizar-se. Ali sentiram algo que há algum tempo esperavam ver nos outros: o reflexo de suas próprias vidas, o horror vivido e a alegria de encontrar-se, de entender-se. Começaram então a definir-se, como grupo: o que eram? O que queriam? Para que reunir-se?

Segundo a sua própria definição, são uma “organização de direitos humanos que agrupa os filhos de detidos-desaparecidos, perseguidos políticos, exilados e

³ Em 1994 se cumpriram 20 anos das primeiras mortes por violência política desenvolvida pelos agentes do Estado. Em 1974, ainda em governo democrático, atuava na Argentina a chamada Tríplice Aliança que perseguia e matava em nome do anticomunismo.

assassinados durante a última ditadura militar”.⁴ Como organização “trabalhamos com independência partidária acreditamos que a memória e **a justiça não estão nos esperando em um lugar, mas devem ser construídas no dia-a-dia** . Por isso os filhos, firmes na luta, estamos de pé”.⁵ Os eixos que dão mobilidade ao grupo são a declaração, a denúncia, as exigências e as reivindicações. Esses elementos orientam as reuniões, ações e atos de H.I.J.O.S.⁶ Assim eles:

Denunciam: as causas políticas e econômicas do genocídio, seus autores e cúmplices, bem como a sua continuidade no modelo econômico atual, ao qual se opõem participando das lutas populares.

Reclamam: pelo julgamento e castigo aos responsáveis pelo terrorismo de Estado. Lutam pela condena social, considerando que a justiça institucional a serviço do poder decretou a impunidade com as Leis de Ponto Final, de Obediência Devida e o Indulto presidencial.⁷

Exigem: a reconstrução histórica individual e coletiva. Para que cada um possa saber quem é, quem foram seus pais. Saber o que aconteceu com seus pais, onde estão, onde estão seus irmãos, onde foram levados, os que nasceram em cativeros e nunca mais foram encontrados. Exigem a restituição de sus irmãos roubados pelos repressores. Saber quem deu as ordens, quem as executou, quem são os responsáveis pelo genocídio.

Reivindicam: o espírito de luta de seus pais. Porque para eles é imprescindível reconstruir as suas histórias pessoais, não como uma necessidade individual, mas como um meio de recuperar a memória e de conhecer a indispensável verdade para toda a sociedade.

Essas definições que estão presentes em editoriais, páginas da internet, entrevistas e abaixo-assinados em jornais e revistas fazem parte dos contornos de uma identidade que precisa a todo momento reforçar as suas fronteiras, opondo-se

⁴ Essa pode ser considerada a definição mais ampla, embora na atualidade existam diversos grupos de H.I.J.O.S, que representam diferentes cidades (Santa Fé, Córdoba, La Plata, Buenos Aires) cada um dos quais tendo redefinido a amplitude de sua participação. Por exemplo, para H.I.J.O.S- Buenos Aires, são bem-vindos todos os que queiram participar, sejam ou não filhos de desaparecidos. Já o grupo de La Plata considera que somente os que viveram o desaparecimento podem participar do grupo. Isso gera constantes disputas, bem como síndes e desilusões.

⁵ Editorial da revista de H.I.J.O.S –La Plata. Ano 1, nº1, set-out. 1996. La Plata.

⁶ H.I.J.O.S detém uma página na internet. O endereço eletrônico é: [Http://www.hijos.org/NOSOTROS.HTML](http://www.hijos.org/NOSOTROS.HTML)

⁷ Conhecidas como “leis de pacificação nacional” tiveram como resultado os seguintes dados: 469 agentes do Estado foram processados por violações dos direitos humanos. Desses, 4 foram julgados e absolvidos, 2 cumpriram a pena que lhes foi imposta, outro foi libertado logo após ter cumprido dois terços da pena; 5 dos quais já tinham sido condenados e 27 que estavam sendo processados foram indultados em 1990 pelo presidente Menem; 43 foram desprocessados pela Lei de Obediência Devida do governo

aqueles que preferem o silêncio ou a “pacificação nacional” e que consideram que o passado já aconteceu e que os desaparecidos ficaram sepultados pelo esquecimento e a necessidade de reconciliação entre os argentinos.

As crenças e ações desses filhos geram novos elementos constitutivos de suas identidades. Estas incluem não ter medo de expressar sentimentos e sensações, de enfrentar e querer saber o “proibido” e censurado pelas famílias com relação a seus pais. De não temer e, principalmente, poder mostrar que embora exista uma identidade que os une, essa identidade não é tranqüila e homogênea, que está constituída pelas diferenças. E que apesar das dificuldades que significa construir algo de forma conjunta, a simples possibilidade de conhecer-se e de partilhar suas histórias vale a pena.

Diante da pergunta “o que significa ser filhos de desaparecidos?”, as respostas geralmente iniciam-se com uma pausa que acaba com a seguinte afirmação: é ter pais mortos sem poder dizer que estão mortos. Quando as perguntas referem-se à importância de estar em H.I.J.O.S, as imagens multiplicam-se e a maioria responde: Ter um lugar onde todos sabem o que é ser filho de desaparecidos. Assim, as experiências de participação em H.I.J.O.S são semelhantes, apesar das diferenças de cada história particular vivida. Verónica, 25 anos, afirma: “você pega e as olha [às outras filhas] e não precisa dizer nada”. Clarisa, de 24 anos, analisa: “o que ocorre é que a nossa história não é uma história comum. Não é que morreram papai e mamai. Estão desaparecidos. Não era uma história que eu podia partilhar totalmente com meus amigos, por exemplo. E quando comecei a freqüentar H.I.J.O.S, aconteceu o mesmo com todos; tínhamos experiências semelhantes ou sonhos semelhantes ou esperanças semelhantes”.⁸ Esteban, por trás de sua timidez me conta que “depois que entrei a H.I.J.O.S eu me abri muito (...) eram jovens que tinham passado pelo mesmo que eu passei”.⁹

Esses jovens passam a usar a categoria filho de ... como uma carta de apresentação, como uma forma de oposição, como uma justificativa ou um reconhecimento; como uma fonte da qual é possível retirar, de acordo com o lugar e o espaço em que está sendo anunciada, força, equilíbrio, aceitação, afeto, reações positivas ou negativas, recusa ou compaixão.

de Alfonsín. Por sua vez, a Lei de Ponto Final beneficiou a não menos de 700 indivíduos cuja participação na repressão ilegal já havia sido denunciada perante distintos organismos.

⁸ Entrevista realizada por Kaitlin Quistgard, em 12 de maio de 1996. Pode ser consultada pela internet: <http://www.hijos.org/testimo/hijas4.html>

⁹ Entrevista realizada por mim em janeiro de 1997, na cidade de La Plata.

Esta geração entrou no problema dos desaparecidos pela porta da identidade: quem somos? quem eram nossos pais? o que queriam? o que se passou durante a ditadura? por que os mataram? Explicar e entender essas questões por eles mesmos, significou entrar em um mundo desconhecido ou parcialmente revelado pelas contidas "versões familiares".

Estes jovens começaram a reconstruir suas identidades primeiro no seio da família e depois a partir das conversas com "companheiros" de seus pais, quem contaram a eles aspectos da vida de seus pais: a militância, os ideais e utopias. Foi um momento de rupturas e descobrimentos, de desconserto e de conhecimento. Da imagem familiar de homens e mulheres "puros" bons", "carinhosos" e "completos" passaram à de "companheiros de luta", "militantes íntegros" e, por que não, "guerrilheiros". As palavras e as perguntas mudaram seu quadro de significação. Irreprimidamente os filhos desejavam conhecer quem eram seus pais, sua presença na tumultuada cultura dos anos 60 e 70, caracterizar detalhes desde o amor à vida clandestina.

Além das experiências individuais para entender o que lhes passou, a opção de se agrupar e "fazer algo" foi fundamental. Para atuar, seu horizonte de possibilidades estratégicas se nutria da acumulação de práticas, soluções e dissoluções de tantos anos de Mães, Avós, Familiares e diversos indivíduos comprometidos com a tarefa cotidiana de conquistar espaços, definir políticas e realizar eleições para dar conta dos desaparecidos. Nesse espaço, criaram uma nova posição coletiva, reinterpretadas as categorias e esquemas de ação recebidos e armando códigos novos até moldar uma linguagem e perfil "geracional".

Para levar adiante as denúncias, reclamações, exigências e reivindicações constituíram, dentro de cada filial, diversas "comissões". Entre as que se formaram em La Plata¹⁰ estavam as de difusão (encarregada de realizar a revista), de contenção (encarregada de chamar os filhos que nunca haviam participado ou aos que foram uma vez e depois abandonaram), de imprensa (encarregada de difundir solicitações e de decidir sobre a participação em programas, entrevistas, etc.) e a comissão de luta e arquivo (encarregada do *escrache*). Esteban, durante a entrevista me contou que ele estava na comissão de *escraches*. No momento não lhe dei importância; ainda não haviam realizado nenhum. Porém, antes de terminar a entrevista, lhe perguntei, mas o que é *escrachar*? Em duas palavras resumiu uma idéia que logo seria famosa:

¹⁰ A cidade de La Plata está localizada a 50 quilômetros de Buenos Aires e foi o lugar onde realizei meu trabalho de campo entre os anos 1997-1999.

"escracha-los [aos militares e torturadores], pô-los em evidência, não deixar que o vizinho não saiba quem ele é".

UMA BREVE HISTÓRIA DO ESCRACHE

Chegar a definir como seria esse *escrache* levou algum tempo e bastante discussões que estavam principalmente ligadas ao nível de violência que implicaria um *escrache*.

Teníamos discusiones políticas de que hacer y cómo hacer. Porque llegó un momento en que, por ejemplo, se decía escrachar. Escrachar a todos los milicos, mas la cosa era de que forma, algunos querían ir y pintar la casa del tipo, pintarla toda, otros querían agarrar al hijo de un milico y cagarlo a trompadas. Mil cosas salían y eran muy diferentes, con ideologías muy distintas. Entonces se armaban unos quilombos!!, porque en las reuniones éramos 50, 60...

A comissão de "Arquivo e Luta" tinha, ademais, uma tarefa nada fácil: realizar uma lista de militares implicados com a repressão, com endereço, telefone, foto, causas contrárias, lugar de "trabalho" e todo dado que trace sua biografia como repressor. Esteban, que formava parte dessa comissão, me relatou as dificuldades que encontraram, já que o material estava muito disperso. Esta tarefa lhes tomou tempo, esforço e muito trabalho, já que, por exemplo, a lista de repressores levantada pela Comissão Nacional de Desaparecimento de Pessoas (Conadep), nunca foi publicada. Os dados estavam fragmentados. Recorreram a organismos de direitos humanos que tinham listas, mas sempre faltava algum dado, sobretudo endereços e telefones atualizados. Não se pode dizer que os *escraches* não tenham antecedentes. Durante todo o período democrático diversos atos individuais foram somando-se contra militares como alvos de insultos, gritos e uma ou outra trombada, dirigidos aos "rostos mais visíveis da ditadura": Astiz (um dos preferidos), Videla, Massera, Gatlieri.¹¹ Depois dos indultos, as Mães da Praça de Maio, lideradas por Hebe de

¹¹ Em geral, as agressões ou agravos em lugares públicos são realizadas por pessoas que distinguem estes militares e de forma espontânea começam a lhes gritar, a gerar tumulto em torno de sua pessoa ou simplesmente, passam a uma agressão física. Geralmente essas pessoas tiveram algum familiar ou amigo desaparecido ou são sobreviventes de campos de concentração. Em 1998, dois fatos estenderam as fronteiras para considerar estas "pessoas não gratas", em dois âmbitos totalmente inabituais: O Círculo de Oficiais do Mar negou a entrada a Massera em sua sede central, por ocasião de um almoço. Este círculo é uma associação de ajuda mútua que congrega os suboficiais da reserva e na ativa. Esta condenação social chama a atenção por que foi a primeira por parte de uma entidade vinculada às Forças Armadas (Clarín, 31 de março, 1998). É importante dizer que esta decisão foi

Bonafini, realizaram alguns "juízos populares" na praça, onde se proferiam penas aos repressores.

Em cada província, em cada cidade, de forma organizada, planejada e difundida, os *escraches* levam a localizar e discriminar a cada repressor, para os castigar simbólica e socialmente. Se deixa assim de lado a espontaneidade de uma manifestação de ódio individual, para gerar uma atividade racionalizada e coletiva. Por outro lado, há uma ênfase dirigida aos lugares de pertencimento, ao regional, ao focalizar cada repressor em seu domicílio, no contexto de seu bairro, em seu lugar de trabalho.

Enquanto os H.I.J.O.S definiam seus métodos de ação, foram ensaiando alguns formas de atos que logo desembocariam nos *escraches*. Em 30 de outubro de 1996, primeiro aniversário da chegada do ex-ditador Antonio Bussi ao governo Tucumán, decretaram o "Dia da vergonha nacional".

Nesse dia representantes de todas as sedes, organizaram marchas e colocaram globos negros em sinal de luto, atiraram tomates contra cartazes onde estavam impressas as imagens dos repressores, entre eles Bussi. Os cartazes, ademais, aproveitavam os "S" dos sobrenomes de alguns militares para os transformar no símbolo da "SS" .



Los HIJOS encabezaron la marcha. Aunque le habían pedido a los políticos que los acompañaran, sólo llegaron las Madres.

Foto: Página/ 12, 30 de outubro de 1996.

Dois anos mais tarde, os H.I.J.O.S realizaram um encontro nacional em Tucumán, onde uma de suas atividades centrais foi o *escrache* a Bussi, no dia 12 de outubro de 1998, do qual participaram 200 filhos de desaparecidos.

tomada depois que Massera se negou a testemunhar em processos sobre apropriação de bebês em cativo e que se instaurara um pedido de prisão internacional pelos juízos que se seguiram na Espanha contra sua pessoa. O outro fato envolveu repressores e clubes de futebol. Em 1997 o clube de futebol River Plate tirou da lista de sócios honoríficos os ex-ditadores Jorge Rafael Videla, Emilio Massera e Héctor Agosti. Em 7 de janeiro de 1999, o Clube Argentino Juniors decidiu tirar de sua lista de sócios honorários o ex-general Carlos Guillermo Suárez Mason, por "suas reiteradas violações aos direitos humanos". Suarez Mason "exigiu explicações e invocou os direitos consagrados na constituição e a Declaração Universal dos Direitos Humanos" e contratou um advogado para que o clube voltasse atrás. Porém não o conseguiu (Clarín, 19-01-99).

O segundo evento que traça a gênese dos *escraches* foi realizado em La Plata e teve repercussão em todo o país; um dos motivos foi que, além dos filhos de desaparecidos e organismos de direitos humanos, foram mobilizados os estudantes secundários. O foco de repúdio foi o professor Norberto Beroch, em atividade, acusado de ter participado na "Noche de los Lápices".¹² A mobilização começou com assembléias no colégio industrial Albert Thomas de La Plata, onde o professor dava aulas, seguiu com a pintura das paredes próximas ao colégio e um pedido formal para que ele fosse destituído de seu cargo. Os alunos contavam com um documento de "prova", o arquivo n° 3675 da Conadep onde o nome de Beroch aparecia repetidamente implicado na participação em denúncias e assassinatos.

O repúdio logrou uma medida de "limpeza", segundo as palavras da diretora geral de escolas do Ministério de Educação de Buenos Aires, que pediu as "listas de todos os nomes dos que tinham sido denunciados por terem participado da repressão para cotejá-las com as dos empregados da Dirección de Escuelas, para em seguida destituí-los de seus cargos". (Página/ 12, 16-11-96).



Em dezembro de 1996, os HIJOS inauguraram uma nova metodologia e utilizaram pela primeira vez a palavra *escrache*, que substituiu "repúdio", utilizada até aquele momento. José Luciano Magnasco, um civil, teve a honra de ser o primeiro *escrachado* nacional. Médico obstetra da ESMA durante a ditadura, foi denunciado em várias causas como "apropriador de crianças". Amparado no anonimato, o médico trabalhava no Sanatório Mitre de Buenos Aires. Foram até lá os filhos com cartazes e panfletos; pintaram a rua com as palavras "Assassino"; se instalaram em frente ao Sanatório e, enquanto distribuía os panfletos, explicavam a cada um que passava porque estavam ali e a quem estavam denunciando. A estratégia teve efeito imediato. A instituição "aceitou" a renúncia daquele que era o obstetra mais famoso da clínica.

¹² É conhecido como a Noite dos Lápices, uma ação repressiva onde foram seqüestrados e desaparecidos um grupo de estudantes do segundo grau, na cidade de La Plata, em setembro de 1976.

Antes do *escrache*, por várias vias, se havia solicitado, a despensa do médico e a clínica sempre se havia negado.¹³

A este, se seguiu uma avalanche de *escraches* a nomes "conhecidos" e não tão conhecidos da repressão: Julio "turco" Simón, Miguel Angel Etchecolatz, Víctor Dinamarca, Juan Antonio del Cerro "colores", Jorge Radice, Raúl Sánchez Ruiz e Jorge Acosta, Cristino Nicolaidis, Massera.

A METODOLOGIA

Vamos nos deter sobre os *escraches* realizados por HIJOS-La Plata para entender sua metodologia e objetivos.

Uma vez que os filhos tiveram dados precisos sobre os repressores, começaram a montar a estratégia de ataque. O trabalho prévio era um fator importante, já que é fundamental ter dados precisos sobre a pessoa. Um erro na biografia ou no endereço do "escrachado" pode ser contraproducente e ser utilizado como contra-ação, operada como uma mentira destrutora da verdade que se quer construir.

Num domingo de novembro de 1998, caminhava em La Plata e a encontrei coberta de cartazes, cujo centro era uma foto. Procurei ver do que se tratava, parecia um cartaz de "Procurado", em preto e branco. Disposta de um lado, a foto; de outro, o curriculum de um torturador. Era o anúncio de um *escrache*. Os cartazes apareciam por todos os lados e não passavam despercebidos porque estavam colocados nos lugares mais variados: nos troncos das árvores, nas tampas dos medidores de gás e de luz, nas paredes; dois a dois ou mais.

Destacava-se no cartaz a palavra TORTURADORES. Abaixo, podia-se ler: "*Os assassinos da ditadura estão soltos*".

A foto escolhida para ilustrar o chamado, caracterizava um homem sombrio. O fundo negro acentuava essa imagem e o curriculum o confirmava. O mesmo traçava a cronologia de uma pessoa que havia participado de grupos de extrema direita nos anos 70, havia sido reconhecido como comprometido com a repressão. O peso colocado nas ações que realizou no período democrático, ressaltava as conseqüências das leis de "perdão". Disposto no final do cartaz, podia-se ler o endereço do "escrachado" e um guia de alertas e ações contra essa pessoa, dirigida às "pessoas comuns", aos vizinhos.

¹³ Uma outra versão inclui este primeiro *escrache* dentro de uma campanha iniciada por um grupo de familiares de desaparecidos e sobreviventes do campo de concentração "Club Atlético", que se

Esse modelo de cartaz é sempre repetido para que seja facilmente identificado. Seu fundo sempre é negro, letras brancas, texto à esquerda, foto à direita (a identificação a partir do rosto é essencial) e o título TORTURADOR.

Em esta oportunidade, Carlos Esteban Castillo Novara, aliás, o "índio", foi escolhido, pelos filhos de desaparecidos, para por em prática seu modelo de justiça e verdade.

LOS ASESINOS DE LA DICTADURA ES

Carlos Ernesto Castillo Novara, alias "El Indio".
 Militó durante los '70 en el grupo nazi C.N.U, donde conoció a Nestor Berch.
 Fue detenido en 1976 por "excesos en la lucha antissubversiva" y pasó a trabajar con los grupos operativos del Servicio Penitenciario Federal.
 Fue torturador de los Centros Clandestinos de Detenciones "La Cava" y "Pozo de Banfield", donde fue reconocido por Pablo Díaz, sobreviviente de la noche de los lápices.
 En 1988, el Juez Federal Alberto Piotti, pidió su captura por participar en diversos atentados y delitos comunes perpetrados por grupos asociados con los carapintadas.
 En 1991, fue detenido al allanarse un departamento a pocos metros de la Residencia Presidencial de Olivos. En donde se encontró un arsenal y una credencial que lo identificaba como Enrique Solis, Mayor del ejército Argentino.
 Se le han imputado por lo menos 15 causas penales por toda clase de delitos: hurto, robo, asociación ilícita, lesiones leves, lesiones calificadas, abuso de armas, etc. En 1995 baleó a unos muchachos que escuchaban música en un auto en la puerta de su casa y se alejó luego de la agresión en un auto del Poder Legislativo Nacional asignado al Diputado nacional por el Modín Emilio P. Morello; quien también figura como garante de esa casa.
 Está señalado en la causa AMIA y denunciado en la causa por el asesinato del periodista José Luis Cabezas como uno de los cuatro sospechosos que fueron vistos merodeando en torno de la casa del empresario telepostal Oscar Andreani.
Actualmente vive en calle 5 N°18 entre 32 y 33.
 Este es su vecino y anda suelto, si se lo cruza no lo salude porque es infrahumano, no lo deje estar cerca de sus hijos, puede escupirlo o gritar y si va a su negocio jamás lo atiendan. Que el país sea su cárcel.

HIJOS
DE LA PLATA

Um dia antes deste escrache, os HIJOS conseguiram que fosse publicado no jornal Página /12 e anunciado nos diários de La Plata que: "em 19 de novembro de 1998, às 12hs., se realizaria o escrache ao 'Índio'". Dois dias antes do escrache, o "índio" havia pedido à justiça de La Plata uma ação de amparo, em que exigia proteção para o dia do "escrache". A justiça lhe negou como "improcedente".¹⁴ Deveria enfrentar sozinho a condenação popular.¹⁵ Era um dia de festas; mais um aniversário da cidade, comemorado a cada ano com diversas atividades e ampla participação popular. Os HIJOS consideraram que esse seria um momento "ideal" para assinalar

denominava "Conheçamos nossos assassinos", da qual também participavam HIJOS.

¹⁴ Página/12, 18 de novembro de 1998.

¹⁵ Não há nenhum tipo de expressão por escrito ou declarações públicas por parte do Estado para que a justiça impeça os *escraches*, todavia em várias oportunidades os militares pediram este tipo de "proteção". Em março de 1999 Menem elevou o pedido de uma lei, que foi amplamente repudiada e rechaçada, onde ficava expresso que a polícia poderia deter pessoas por saque, prostituição, etc. Dentro do inciso C, entrariam também os *escraches*: "Permitira a detenção de pessoas que realizarem reuniões tumultuosas em prejuízo do sossego da população ou em ofensa de uma pessoa determinada".

um dos culpados de uma ação, infelizmente a mais famosa, como foi a da "Noche de los Lápices".

Elegimos escracharlo porque participó de la Noche de los Lápices y torturó mucha gente en La Plata. Muchos ex-detenidos lo reconocen del campo de concentración La Cacha. (Margarita).

Este era o terceiro *escrache* realizado pelos HIJOS de La Plata. Já haviam acumulado experiência e também aprendido a "cuidar-se". Cecilia conta que nos últimos *escraches* haviam percebido que era necessário realizar uma atuação mais sistemática nos bairros, especialmente antes do *escrache*, de modo a se apresentarem frente aos vizinhos e a lhes contar qual era o significado do que eles faziam. Assim, nesta oportunidade, foram duas vezes falar com os vizinhos. A primeira foi prospectiva e quase não falaram. Na Segunda, os vizinhos já sabiam do que se tratava e tiveram mais participação.¹⁶ Há dois elementos que são centrais neste contato com os vizinhos: levar uma foto e o endereço atualizado do "escrachado", para que os vizinhos possam identificá-lo.

No dia do *escrache*, segundo anunciava o jornal, o ponto de reunião seria a praça Olazábal (7 e 38) e dali partiram até o bairro do "Índio". Em oposição à maioria destas ações, esta não se realizou em frente à casa do acusado. Cecilia explicava que,

El escrache del Indio Castillo fue muy particular, porque sabemos que el tipo anda armado y esta medio loco. Podíamos esperar cualquier tipo de reacción de su parte. Los días previos al escrache recibimos una serie de llamados extraños y el mismo día a la mañana el Indio, en persona, amenazó con un revolver a dos periodistas franceses que habían ido hasta la puerta de su casa. Por todo esto decidimos no exponernos demasiado y no llegar hasta la puerta de su casa. Hicimos el acto justo en la esquina, a unos 30 metros de su casa.

Como em todo ato, não pode faltar a leitura de um documento. O que foi lido em frente à casa do "assassino" Castillo, ante uma audiência de vizinhos, dizia, entre outras coisas:

Hoy los HIJOS elegimos expresar la condena social a los asesinos a través del escrache. Cada uno de nosotros debe encontrar la

¹⁶ A reconstrução do *escrache* foi montada tendo como base relatos, fotos e notas de jornais.

forma de manifestar el repudio a los genocidas. Porque los derechos humanos no son ni de las Madres, ni de las Abuelas, ni de los HIJOS, ni de nadie en particular, son de todos. Porque a todos nos privaron de una generación y nos obligan a convivir con sus asesinos. Porque en nombre de Videla, Etchecolatz o Castillo se condena la tortura, la miseria, la impunidad que representan. Porque estas democracias y sus representantes no han demostrado tener la voluntad necesaria para juzgar el terrorismo de Estado y sus responsables. (...) Nuestros padres pensaron un mundo que nada tenía que ver con este, un mundo donde la igualdad, la solidaridad y el respeto tenían un lugar fundamental. Por eso lucharon, por eso se organizaron, por eso unieron sus fuerzas y corazones, por eso estamos nosotros acá. Porque el pueblo es el único capaz de conquistar su propia libertad.

Durante 1998 em La Plata foram realizados quatro *escraches*. Começaram em abril contra o ex-major Gustavo Vitón, atual funcionário da municipalidade, sobre quem há denúncias de atuação em um CCD em Neuquén durante a ditadura. Em maio, novamente foi a vez de Néstor Francisco Bercoch "o bola". Em oposição aos outros, este não se realizou no bairro onde ele vive, mas sim em frente ao Ministério de Educação de La Plata. Também foi *escrachado* o ex-comissário Luciano Hector Vides "lobo" e finalmente, como vimos o "Índio" Castillo.¹⁷



Em todo *escrache*, os filhos se abaixam, sobem às janelas, se jogam na calçada e com aerossóis à mão como uma arma, pintam as paredes, a rua, a calçada. Gritam e deixam suas marcas por onde passam, buscando imprimir a palavra "assassino",

na cabeça e coração de cada vizinho que, a partir desse momento, sabe ao lado de quem vive. A cada *escrache*, a pintura vermelha jogada contra as paredes da

¹⁷ Um dado interessante é que não há manifestações públicas de nenhum tipo por parte dos familiares destes indivíduos que são *escrachados*. Por exemplo, não se sabe quem são seus filhos e quais são suas opiniões a respeito destes feitos e sobre seus próprios pais.

casa do escrachado simboliza o sangue dos 30.000 desaparecidos. Há em cada uma destas práticas marcas de uma "cultura jovem".

Há nestas ações marcas profundas de um "ciclo da vida": a juventude. Elas estão dentro do campo de disputas "ganhando seu lugar" e reivindicando ações que produzem uma ordem determinada onde se manter e se diferenciar do resto dos grupos, tanto no interior dos organismos de direitos humanos, como em relação aos "outros". Cada uma das estratégias que se entrelaçam para fazer os *escraches* levam a marca de uma "cultura" jovem. Elas não só representam parte de uma geração recortada dentro das lógicas da família, mas também socialmente. A partir de Mauger (1990) podemos dizer que as fronteiras que delimitam as bordas de sua identidade estão demarcadas pela forma como se tornaram públicos como grupo e entraram no "campo" (as homenagens e a constituição da própria organização) e pela criação de novas práticas (dia da vergonha nacional, *escraches*). Desta forma, os H.I.J.O.S "construem" sua posição, ocupando lugares e espaços.

Com algumas variantes, de acordo com cada caso particular, cada *escrache* mantém a mesma estrutura. Realiza-se a divulgação uns dias antes. Os filhos se reúnem em algum ponto e se dirigem à casa. Em geral os participantes dos *escraches*, além dos filhos, são seus amigos e alguns familiares de desaparecidos ou ex-presos dos campos de concentração. As *Madres* apoiam os *escraches*, mas poucas vezes participam. A polícia "camuflada" de civis muitas vezes está presente. Os HIJOS sabem que necessitam cuidar-se e cuidar a eficácia do *escrache*, por isso,

Las medidas de seguridad representan una cuestión central en la organización de la actividad, se hace una reunión previa con todas las organizaciones sociales y políticas que van a participar y se establecen una serie de acuerdos en relación al desarrollo de la actividad. Lo que hacemos es poner condiciones para prevenir cualquier despelote que pueda cambiarle el sentido al escrache sobre la marcha. Además les pedimos a las distintas organizaciones que pongan un responsable y que identifiquen a la gente que llevan para poder identificar a los infiltrados de la cana.

Os repressores, por sua vez, geralmente "escapam" e não estão presentes nesse dia. Estes se sentem muito afetados com as ações; apelam à justiça, a seus amigos políticos e policiais. Os primeiros *escraches* tinham o "fator surpresa" como eixo da ação, mas à medida que foi se popularizando, este fator foi domesticado,

substituído pela "publicidade" da ação, porque, realmente, o que se quer é "*dar informação aos vizinhos e lhes pedir que se unam ao protesto*" (Luciano).

OS VIZINHOS

Se diz da cidade de La Plata que é um grande povoado, como se todos se conhecessem. Com freqüência as pessoas vivem nos mesmos bairros de geração em geração. Os vizinhos são uma instituição reguladora das relações morais e das ações locais.¹⁸ O *escrache* chegou para os incluir e por a prova um dos mitos mais fortes dos anos de ditadura: a confabulação social com os repressores, os torturadores, a ditadura como um todo.¹⁹ Os *escraches* coagem a atitude do cidadão comum. Para surpresa dos filhos, os vizinhos geralmente apoiam os *escraches* e se indignam ao saber que vivem ao lado de um torturador. Outros vão mais adiante e trazem novos dados, precisam informações, assinalam outros que conhecem.²⁰ De todo modo, deve-se estar alerta e pensar que parte do apoio pode vir de conflitos potenciais anteriores "entre vizinhos" e que adquirem nova legitimidade, agora, social e política, com o *escrache*. Isto deve ser assinalado para não se perder de vista que, tanto o apoio aos *escraches*, como as censuras ou reações não caem no vazio, mas sim que se sustentam em relações sociais e políticas anteriores. A isto, os filhos acrescentam a idéia da condenação social,

al igual que Astiz, Videla, Massera, Viton o Beroch comenzaron a ser repudiados por la gente y no pueden caminar libremente por las calles. Cada uno desde el lugar que ocupa, puede hacer algo de esto. El taxista puede negarse a llevarlo. Los vecinos le recordaran siempre su condición de asesinos. Así tendrán una verdadera condena, la más legítima de todas, la del pueblo y su memoria, que

¹⁸ Além de dezenas de instituições de imigrantes (Círculo Andaluz, Calabrés, etc.) e de outras "associações intermediárias", cada bairro já teve seu centro de fomento, mesmo que atualmente não estejam muito ativos, eles foram muito importantes na história da cidade.

¹⁹ Nos anos 90 parece uma "obsessão" a necessidade de fazer um *mea culpa* social. Uma série de versões, circulantes especialmente no campo intelectual, insiste na "necessidade" de "que a sociedade se desculpe por haver confabulado com a ditadura". Nas entrevistas com os familiares, perguntei insistentemente sobre a posição de vizinhos e amigos. Embora os familiares se sentissem sozinhos, não tinham uma visão culpabilizadora do entorno social. Em muitas oportunidades, fazem até uma defesa "do povo", que nunca deixou de ser solidário. Neste tipo de versão diferencia-se um grupo, associado à elite política e econômica, associado à cumplicidade com os ditadores e distanciado do "povo".

²⁰ Esta forma de "denúncia social" é similar à que ocorre com o caso das crianças apropriadas, mais de 50% dos casos foram resolvidos a partir de denúncias de vizinhos ou conhecidos dos apropriadores que buscaram às Avós e lhes deram a informação.

no olvida ni perdona. (Parte do documento lido no escrache a Beroch)

Mesmo que o foco, no momento do ato, seja a figura do repressor e as marcas que "estigmatizam" sua casa e seu entorno, a novidade é a sensibilização dos vizinhos, destinatários finais das mensagens. Neles se deposita uma vontade de julgamento, cujo desenlace não se pode prever.

SE NÃO HÁ JUSTIÇA, HÁ ESCRACHE

Cada vez que são citados ou comentados estes atos, nunca se deixa de remarcar quem foram seus "inventores", "criadores", "pais" dos *escraches*: os HIJOS. Expostos à "opinião pública", sobre eles se despeja uma bateria de afirmações e perguntas. Nos meios de comunicação que já realizaram programas especiais, entrevistas a "especialistas" (historiadores e sociólogos), colunas de opinião, notícias, se busca enquadrar o *escrache*: Justiça pelas próprias mãos? ação civilizada e pacífica? ataques incivilizados? nova forma de denúncia e repúdio social? são os *escraches* demonstração de imaturidade democrática? é um ato positivo ou um abuso de liberdade? é uma nova demonstração do autoritarismo argentino? são um limite à impunidade?, enfim, é legítimo o *escrache*?

Os *escraches* não passam despercebidos. De acordo com a opinião, à medida que crescem e se estendem a outros objetivos e outras fronteiras geográficas,²¹ vão gerando polêmica.

Para seus "inventores", que como bons criadores cada vez que realizam um *escrache* "explicam" o motivo e significado de sua obra, os *escraches* são um modelo de justiça que pode ser preenchido com diversos elementos e que não deve se limitar à sinalização dos repressores que mataram seus pais.

O *escrache* não é uma ação em si, mas sim o catalizador de uma cadeia de práticas simbólicas que têm como principal finalidade política a anulação das leis de ponto final e obediência devida. Para seus autores, estas leis são assinaladas como a fonte "de todos os males". O "problema" não é só o que os repressores fizeram, mas sim o que eles são capazes de continuar fazendo em uma lista de "violências na

²¹ No Uruguai e no Chile se conformou também a organização HIJOS, em ambos os países se efetuaram *escraches*. Também as sedes de HIJOS no estrangeiro como, Venezuela, México, Espanha, França, já realizaram algum tipo de *escraches*. Em um texto incluído no Clarín, sob o título de "Tendências. A exportação do *escrache*", se assinala as "exportações" dos *escraches* na Argentina onde se pode ver que, apesar de sua curta trajetória, extrapolaram sua origem, agregando à sua lista a violência cotidiana, a corrupção, o autoritarismo policial e tudo o que seja considerado como um atentado contra os direitos individuais. (Clarín, 14-02-99).

democracia": gatilho fácil, atentados como o da A.M.I.A, assassinatos atroztes como o do fotógrafo Cabezas, desaparecimentos atuais como a do jovem platense Miguel Bru ou a constante violência policial contra jovens que já chega a 300 casos desde que se iniciou a democracia.²² Esta lista de violências se caracteriza por uma mesma marca: a maior parte permanece sem solução ou com soluções que "não convencem ninguém"²³ e geralmente, atrás de cada uma, se descobrem repressores que atuaram durante a ditadura militar. Como afirma um slogan de HIJOS, "*se não há justiça, há escrache*".

DAS "LOUCAS" DA PRAÇA DE MAIO AOS "JUSTICEIROS" DO ESCRACHE

Com as vigílias na praça e os lenços brancos, as Mães iniciaram um caminho que se ramificou em diversas formas de ações públicas. Estas práticas e representações traçavam formas de expressar sentimentos e de fazer política, circunscritas a tempos concretos, mas também relacionadas a experiências prévias. Os escarches constituem parte desse sistema.

Nesta linha, os *escraches* confirmam a transmissão de memórias, através de práticas que se colocam como não-violentas e performáticas. Como nos outros fenômenos, o drama individual é canalizado coletivamente até envolver e provocar solidariedade em amplas categorias de agentes como vizinhos, alunos, políticos, meios de comunicação. Mães-praça, companheiros-atos, filhos-*escraches*. Podemos ver que as possibilidades de que cada unidade coletiva que levanta o problema dos desaparecidos seja reconhecida e crie impacto sobre a opinião pública, se associa à invenção de rituais.

Estas experiências convivem e se retroalimentam com outras práticas análogas na década de '90, como os "*piqueteiros*", os "*cortes de rotas*", os "*abraços solidários*", as "*marchas do silêncio*", a "*tenda branca dos docentes*", que conformam novas receitas de protesto e ação política na Argentina, cuja diversidade e originalidade como estratégias geradoras de demandas e solidariedade parecem crescer em proporção inversa à indiferença com relação aos partidos políticos.

²² É importante assinalar aqui que existe uma organização chamada Correpi (Coordenação contra a Repressão Policial e Institucional) que concentra todos os casos policiais chamados de "gatilho fácil". Esta instituição tem recuperado cada uma das ações desenvolvidas pelos organismos de direitos humanos. As mães dos jovens mortos pela polícia, portam fotos sobre seus corpos, como as mães da praça de maio. Utilizam a foto em cartazes, junto à data de sua morte, colocam placas onde os jovens foram assassinados, realizam "marchas do silêncio". Mas a atividade central de Correpi, atualmente, são os *escraches* que, em muitas oportunidades, são acompanhados pelos HIJOS.

²³"*Si*, suplemento Jovem" do Clarín. Número especial sobre a violência policial e militar que aponta os menores de 25 anos como os principais alvos da violência policial. 30 de maio de 1997.

CECÍLIA E OS *ESCRACHES*

O *escrache* é a síntese de muitos sentimentos e razões que mobilizam nossa luta. Todas as razões de nossa existência nos inclinam a não crer em nenhum tipo de instituição que diga representar os interesses do povo nem em ditaduras, nem em democracias. Isto nos deixa diante de dois caminhos: ou o da desesperança e o desinteresse absoluto em relação a uma verdadeira transformação, ou a paixão e a entrega à luta. Este último nos obriga a encontrar novos mecanismos de ação e resistência. Escolhemos este caminho e decidimos que o único apoio que estaríamos dispostos a aceitar seria o mais legítimo de todos, o de um povo que não esquece nem perdoa, que acompanha esta nova forma de justiça popular, de condenação social. Porque não é nem mais nem menos do que isso, o poder nas mãos de um povo que reivindica seus lutadores frente ao contínuo manuseio a que os submete o poder de plantão.

O *escrache* é um ponto culminante deste processo que começou com a formação de HIJOS. É produto de um intenso trabalho de elaboração coletiva e verdadeiramente democrática. Uma forma tão criativa de luta e resistência só pode surgir de um espaço que garanta a nobreza de seus princípios.

Lembro meu pai e seus 30.000 companheiros, penso na força de suas convicções, nessa decisão tão cara e tão bela de entregar suas vidas por algo que aqueles que vivem mergulhados em suas individualidades não alcançam compreender. Agora penso em nós, seus filhos, lutando com a mesma perseverança, com novas convicções. Devendo, além do mais, lutar com as marcas profundas de um genocídio, com um presente que aposta em indivíduos e não em organizações. Depois de tudo, se nos reunimos, organizamos nossas raivas e esperanças, e discutimos nossos próprios projetos, surgem coisas como o *escrache*.

Custou muito para chegar a este novo posicionamento de luta. Custou 20 anos para começarmos a nos conhecer, ver nossos os rostos e contar-nos (e lhes contar) nossa história.

Depois, tivemos que ver como nos organizar, quando nos encontrar, sobre que eixos trabalhar. Tudo teve sua merecida discussão, sua merecida briga, conversa, debate, mas também sua merecida cerveja, reunião, festa. Pouco a pouco fomos nos adotando e, por fim, a família aumentou de tamanho. Não estava o pai, mas estavam os filhos de seus companheiros, o que também era um grande orgulho. Houve idas e

vindas, mudanças. Para quem, como nós, que acredita na militância como tarefa de vida, tivemos que fazer um esforço muito grande por tudo isto. Para corações anarquistas, como o meu, poder dizer que HIJOS é uma organização de DDHH, que funciona de forma horizontal e sem nenhum tipo de hierarquia, é um orgulho que me enche o peito. Não foi fácil, tivemos que lutar com a naturalidade que impõem as hierarquias em cada ato de nossas vidas.

Ainda não é fácil, sempre se tende a reproduzir mecanismos. Mas, tudo bem, nunca as coisas nos foram muito fáceis para nos espantarmos agora.

Conto tudo isto porque acredito que para entender o *escrache* é imprescindível saber de onde surge. Saiu assim, tudo confuso e desordenado como o escrevo.

O *escrache* rompe a impunidade destes tempos. É uma mostra do que pode conseguir o movimento popular organizado. Expõe a legitimidade de nossa luta...

Nesta transmissão de memórias e escolhas práticas, se afirma como constante contraponto a busca incessante de opções de justiça e verdade, para além das instituições do Estado. Esta busca não rechaça nem se opõe à justiça com maiúsculas, mas sim a inclui como último patamar potencial para a imposição de verdade e a justiça, já que, de modo geral, monopoliza essa legitimidade e assegura os maiores rendimentos históricos. Entre um modelo institucionalizado e os outros discordantes e complementares, se estrutura um espaço de disputas sobre a verdade e a justiça; um não existe sem o outro; ambos se disputam, mas necessariamente devem se incluir para gerar argumentos eficazes, para combater as dúvidas impostas pelas teorias oficializadas e suas versões do senso comum: "se os levaram (aos desaparecidos), deve ter algum motivo", "os pais não cuidavam deles e acabaram sendo guerrilheiros". Os *escraches* iluminam os representantes do mal.

Os ilongotes do norte de Luzón, estudados por Renato Rosaldo (1991), são cortadores de cabeças. O antropólogo lhes perguntou por que cortavam cabeças humanas e a resposta que obteve foi simples: a ira, nascida da aflição; uma dor produzida pela morte de um ente querido os impulsiona a matar a outro ser humano. Eles afirmam que "necessitam um lugar para onde conduzir sua raiva". O ato de cortar e lançar a cabeça da vítima, lhes permite elucidar e exorcizar a ira de sua dor (p.15).

Guardando as devidas proporções entre um caso e outro, podemos pensar que, escrever em paredes, atirar tinta vermelha, gritar, insultar é a forma que os filhos

encontraram para exorcizar sua raiva. Na "origem", mobilizações, júzos populares, repúdios, encabeçados pelas "loucas", como as Madres eram clamadas, também eram uma forma de objetivar o ódio. O ímpeto dessa ira expressa o amor pelas pessoas desaparecidas até domesticá-la em cada foto carregada, em cada testemunho frente a um auditório ou a um magistrado. Se trata da dialética de uma condição de existência.

A busca de outros caminhos, para definir verdades e justiças, marca estratégias para canalizar e depositar a raiva, a impotência, um sentimento profundo de traição. As leis de obediência devida, ponto final e o indulto foram vividas com a incontrolável raiva que escapou por uma re-inversão do mundo. A mesma lentamente se foi transformando em ações. Não desembocaram em planos de revanches ou "mortes" ilongotes, mas sim em propostas, nas quais o objetivo último foi unir pessoas, demonstrar publicamente, reconstruir coletiva e simbolicamente as idéias de verdade e justiça. Para os HIJOS de La Plata, essa raiva cessará *"quando a tortura, a repressão e a impunidade forem definitivamente substituídas pela justiça, o respeito e a solidariedade"*.²⁴

A ação moralizante, capaz de re-ordenar um mundo alterado, desequilibrado desde os anos 70, só se completa quando a ira individual salta a uma dimensão social marcada por um sentimento de injustiça. Os filhos, junto aos familiares de desaparecidos, "convidam" a transformar cada quadra da Argentina em um grande cárcere, a perceber assim uma nova verdade e outro tipo de justiça. Como disse Esteban,

yo no creo que escracharlos sea como juzgarlos, mas uno de los motivos, de las ideas básicas es que la gente vea eso. Con eso ya es suficiente, nos alcanza y sobra. Que la gente vea eso y diga algo o tenga alguna reacción de algún tipo, lo que sea. Esa es la idea del escrache, que los tipos no puedan ir caminando por la calle así nomás, por lo menos que los puteen, que se yo, cualquier cosa.

Por isso os HIJOS dizem sobre os *escraches*:

***Essa pessoa és um assassino. Mora no seguinte endereço...
Seu telefone é...***

***Ligue, visite-o, incomode-o, descarregue sua ira e sua raiva
contra quem o merece.***

Bibliografía

- Bousquet, J. Las locas de plaza de mayo. Buenos Aires. Cid Editor. 1983.
- Brusa, C et all. "La memoria del Proceso de Reorganización Nacional y las jóvenes Generaciones" in Taller. Revista de Sociedad y Política. Vol. 3, N°6. Abril de 1998.
- Catela, L. "Sin cuerpo, sin tumba. Memorias sobre una muerte inconclusa" in Historia Antropología y Fuentes Orales. N° 20. Traumas del siglo XX. Barcelona, 1998.
- Connerton, P. Como as sociedades recordam. Lisboa, Cetal Editora, 1993.
- Duhalde, E. El estado terrorista argentino. Buenos Aires. Argos/Vergara. 1983.
- Elias, N. El proceso de la civilización. México. Fondo de Cultura Económica. 1989.
- Filc, J. Entre el parentesco y la política. Familia y dictadura, 1976-1983. Buenos Aires. Editorial Biblos. 1997.
- Körösi, Z et all . "Transmisión de experiencias en familias de los condenados políticos en la Hungría comunista" In, Historia, Antropología y Fuentes Orales. N°17, Barcelona. 1997.
- Mauger, G. "La categorie de jeunesse. Essa d'inventaire, de classement et de critique de quelques usages courants ou savants". In Les jeunes et les autres. Proust, F. Paris. Criv. 1990.
- Mendéz, J. "La lucha por la Verdad y la Justicia. Aportes latinoamericanos a principios universales". Seminario: Memoria colectiva y represión. Montevideo. 1998. Mimeo.
- Moore, B. Injustiça. São Paulo. Brasiliense. 1987.
- Muxel, A. Individu et Mémoire Familiale. Paris. Nathan. 1996.
- Nosiglia, J. Botin de Guerra. Buenos Aires. Abuelas de Plaza de Mayo. 1986.
- Rosaldo, R. Cultura y verdad. Nueva propuesta de análisis social. México. Grijalbo. 1991.
- Jornais e Revistas:
- 1994-1999. Jornais: Página /12, Clarín e La Nación.
- 1997-1998. Revista de HIJOS.
- Páginas na Internet:
- www.abuelas.org
- www.hijos.org
- www.desaparecidos.org
- www.madres.org

²⁴²⁴ Documento lido durante a recusa de um prêmio outorgado pela Municipalidade de La Plata aos HIJOS.